

CBA: “THE SICENCE WE DO” NA REVISTA SCIENCE hoje!!!!

Press Release CBA (26 de Outubro de 2010)

Contacto: Henrique Pereira TM: 965 860 308; email: hpereira@fc.ul.pt

A perda de biodiversidade irá continuar, mas pode ser desacelerada.

É urgente um mecanismo que unifique o aconselhamento científico sobre a biodiversidade

Uma análise de vários estudos recentes sobre extinções e alterações globais à distribuição das espécies revela que, embora o declínio da biodiversidade seja uma tendência inevitável no século 21, existem políticas emergentes que podem conduzir a uma redução do ritmo de perda.

Uma equipa de 23 cientistas de nove países, liderada por Henrique Miguel Pereira do Centro de Biologia Ambiental (CBA – Universidade de Lisboa) e por Paul Leadley (Universidade Paris-Sud, França), desenvolveu sob os auspícios da DIVERSITAS, UNEP-WCMC e da Convenção da Diversidade Biológica, uma análise comparativa de cinco avaliações ambientais de carácter global e de uma ampla compilação de artigos científicos sobre prováveis alterações à biodiversidade no futuro.

O artigo, publicado hoje *online* na revista *SCIENCE* (Pereira *et al.* - *Scenarios for Global Biodiversity in the 21st Century*; disponível em <http://www.sciencemag.org/cgi/content/abstract/science.1196624v1>), mostra que todos os estudos indicam a necessidade de alterações urgentes na sociedade para evitar um risco elevado de extinções, o declínio de populações de muitas espécies, e grandes alterações das distribuições das espécies.

O estudo aponta, também, focos de esperança: os cenários mais recentes mostram que os esforços de atenuação das alterações climáticas e da desflorestação podem ser conduzidos em paralelo com o objectivo de reduzir a perda de biodiversidade, graças a oportunidades significativas de intervenção através de políticas mais adequadas, como a mitigação das alterações climáticas sem a conversão massiva das florestas em culturas para a produção de biocombustíveis. Mas a acção tem que começar agora, já que a janela de oportunidade está a fechar-se rapidamente: políticas definidas agora podem conduzir a um aumento de 15% da floresta global até 2030, no melhor caso, ou a perdas de floresta superiores a 10%, no pior caso.

Os autores referem, ainda, que a criação do IPBES (Plataforma Intergovernamental para a Biodiversidade e os Serviços dos Ecossistemas), um painel intergovernamental semelhante ao Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC) mas dirigido para a biodiversidade, será de “extrema importância” para alcançar consenso nas definições e indicadores para a biodiversidade e para informar os decisores.

“Estas questões são tão urgentes e o que está em causa tão importante para a humanidade, que as vozes dos cientistas terão que convergir através do IPBES para informar os decisores políticos de um modo unificado e eficaz”, declara Henrique Pereira do CBA/Universidade de Lisboa.

O IPBES pode ainda desempenhar um papel importante na cooperação científica de modo a reduzir o grau de incerteza nos cenários para a biodiversidade. Os modelos prevêem taxas de extinção que variam entre taxas inferiores a 1% (próximo da taxa actual de extinção) até taxas superiores a 50%. Entre os problemas principais salienta-se a falta de consenso na definição do intervalo de tempo que uma espécie demora a extinguir-se após as condições para a sua sobrevivência desaparecerem – que pode ir de décadas a milénios – o que leva a uma incerteza considerável nos modelos e a

discordância dentro da comunidade científica relativamente à probabilidade de ocorrerem extinções em massa durante este século.

Os investigadores notam ainda que as alterações à distribuição das espécies e ao tamanho das populações deveriam receber mais atenção, já que estas alterações serão provavelmente importantes para o bem-estar humano e podem ser bons indicadores, a curto prazo, dos impactos das pressões de origem humana sobre os ecossistemas. São exemplos, o declínio geral das populações de peixes no topo da cadeia trófica, devido à sobrepesca, a migração das espécies marinhas para latitudes mais elevadas, a velocidades superiores a 40 km por década, devido às alterações climáticas, e o declínio de 10 a 20% da abundância das espécies terrestres, projectado para 2050, por alterações no uso do solo.

“Os riscos de extinção projectados para o futuro são elevados, mas a crise da biodiversidade é muito mais do que as extinções” diz Henrique Pereira. “Muito do que irá acontecer durante o século XXI não são extinções de carácter global, mas grandes alterações na abundância das espécies e na composição das comunidades”.

Autores:

- * **Henrique M. Pereira, Vânia Proença, Patrícia Rodrigues**, Centro de Biologia Ambiental, Universidade de Lisboa, Portugal.
- * **Paul W. Leadley, Juan F. Fernandez-Manjarrés**, University Paris-Sud, France
- * **Rob Alkemade**, Netherlands Environmental Assessment Agency, Netherlands
- * **Jörn P. W. Scharlemann, Matt Walpole**, United Nations Environment Programme World Conservation Monitoring Centre, UK
- * **Miguel B. Araújo**, Departamento de Biodiversidad y Biología Evolutiva, Madrid, Spain, and Universidade de Évora, Portugal
- * **Patricia Balvanera**, Universidad Nacional Autónoma de México
- * **Reinette Biggs**, Stockholm University, Sweden
- * **William W. L. Cheung**, University of East Anglia, United Kingdom
- * **Louise Chini**, University of Maryland, USA
- * **H. David Cooper**, Secretariat of the Convention on Biological Diversity, Canada
- * **Eric L. Gilman**, Hawaii Pacific University, USA
- * **Sylvie Guénette, Ussif Rashid Sumaila**, University of British Columbia, Canada
- * **George C. Hurtt**, University of Maryland, and Joint Global Change Research Institute, USA
- * **Henry P. Huntington**, Pew Environment Group, USA
- * **Georgina M. Mace**, Imperial College London, UK
- * **Thierry Oberdorff**, Muséum National d'Histoire Naturelle, France
- * **Carmen Revenga**, The Nature Conservancy, USA
- * **Robert J. Scholes**, CSIR Natural Resources and Environment, South Africa